



O paradoxo da conectividade: explorando o impacto da internet pública em parques urbanos como espaços de refúgio

La paradoja de la conectividad: explorando el impacto del internet público en los parques urbanos como espacios de refugio

Edgar Romario Aranibar Ramos

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. **ORCID** <https://orcid.org/0000-0001-5926-8544>

Miguel Ángel Demetrio Olarte Pacco

Universidade Nacional de San Agustín de Arequipa, Perú. **ORCID** <https://orcid.org/0009-0007-0303-7545>

Emerson Marcos Serra Paurá

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. **ORCID** <https://orcid.org/0009-0001-1102-9154>

Reinaldo Miranda Sá Teles

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. **ORCID** <http://orcid.org/0000-0001-5096-7760>

Información del artículo

Recibido:
17/04/2025

Aceptado:
03/11/2025

Publicado:
08/12/2025

*Autor de correspondencia

romario.aranibar@usp.br

Páginas:

080 - 097

<http://rperiplo.uaemex.mx/>

Resumo

Os parques urbanos, tradicionalmente reconhecidos como refúgios de tranquilidade, enfrentam desafios na era digital devido à crescente integração de tecnologias, como a internet pública. Este estudo qualitativo, exploratório e descritivo, analisou a percepção de centennials sobre o impacto da conectividade digital nesses espaços. Com base em entrevistas estruturadas realizadas com 57 respondentes, os resultados evidenciaram um paradoxo: enquanto a conectividade facilita interações sociais e acesso a informações, também interfere na experiência de desconexão e contemplação plena oferecida pelos parques. A inclusão digital foi valorizada, especialmente por frequentadores que dependem da internet para comunicação ou emergências. No entanto, os entrevistados ressaltaram que a presença constante de dispositivos móveis pode reduzir o potencial restaurador dos ambientes naturais. Como alternativas, sugeriram a criação de zonas específicas para o uso de internet, campanhas educativas sobre os benefícios da desconexão e regulamentação do uso de dispositivos digitais para preservar a serenidade. Conclui-se que a gestão de parques urbanos no contexto das cidades inteligentes deve equilibrar inovação tecnológica e bem-estar ambiental. Políticas públicas que promovam conectividade sustentável podem ampliar a inclusão digital sem comprometer a função restauradora desses espaços, garantindo sua relevância para as gerações conectadas.

Palavras-chave:

*T*Parques urbanos. *C*onectividade digital. *C*entennials. *C*idades inteligentes. *ODS* 11.7 – *C*idades e Comunidades Sustentáveis

Resumen

Los parques urbanos, reconocidos tradicionalmente como refugios de tranquilidad, enfrentan desafíos en la era digital debido a la creciente integración de tecnologías, como el acceso a internet público. Este estudio cualitativo, exploratorio y descriptivo analizó las percepciones de los centennials respecto al impacto de la conectividad digital en estos espacios. Con base en entrevistas estructuradas realizadas a 57 informantes, los resultados revelaron una paradoja: si bien la conectividad facilita las interacciones sociales y el acceso a la información, también interfiere con la experiencia de desconexión y contemplación plena que ofrecen los parques. La inclusión digital fue valorada positivamente, particularmente por aquellos visitantes que dependen del internet para la comunicación o en casos de emergencia. Sin embargo, los entrevistados enfatizaron que la presencia constante de dispositivos móviles podría disminuir el potencial restaurador de los entornos naturales. Como alternativas, sugirieron la creación de zonas específicas para el uso de internet, campañas educativas sobre los beneficios de la desconexión y regulaciones sobre el uso de dispositivos digitales para preservar la serenidad. Se concluye que la gestión de los parques urbanos, en el contexto de las ciudades inteligentes (smart cities), debe equilibrar la innovación tecnológica con el bienestar ambiental. Las políticas públicas que promueven una conectividad sostenible pueden potenciar la inclusión digital sin comprometer la función restauradora de estos espacios, asegurando así su relevancia para las generaciones digitalmente conectadas.

Palabras clave:

*P*arques urbanos. *C*onectividad digital. *C*entennials. *C*idades inteligentes. *ODS* 11.7 – *C*idades y comunidades sostenibles.

DOI <https://doi.org/10.36677/elperiplo.v0i49.26208>

Introdução

Os parques urbanos, historicamente, têm sido espaços fundamentais para o refúgio e a serenidade, proporcionando uma pausa do ritmo frenético das cidades e promovendo o contato com a natureza (Schnell *et al.*, 2019). Esses ambientes oferecem múltiplos benefícios, desde a melhoria do bem-estar mental e físico até a criação de oportunidades para interação social e atividades ao ar livre (Geng *et al.*, 2021). No entanto, a digitalização crescente e a introdução de tecnologias, como o acesso à internet pública, vêm transformando a forma como esses espaços são vivenciados, especialmente pelas gerações mais jovens (Wei *et al.*, 2024; Menconi *et al.*, 2020).

O avanço da conectividade digital em parques urbanos destaca uma tensão central, isto é, de como equilibrar a função histórica desses espaços como refúgios de tranquilidade com a crescente demanda por acesso à internet. Para abordar esse dilema, a teoria dos sistemas sociais de Luhmann, como argumenta Moreno (2020) oferece uma estrutura teórica útil, ao enfatizar que os sistemas sociais – como lazer e tecnologia – operam de forma autônoma, mas se influenciam mutuamente quando interagem. Dessa forma, argumentam que os territórios sociais são constantemente redefinidos por fluxos e interações. Assim, o parque urbano contemporâneo emerge como um espaço híbrido, onde a serenidade e a hiperconexão coexistem em tensão.

Esse paradoxo é particularmente evidente na geração centennial, cuja vivência desses espaços reflete a integração profunda da tecnologia. Enquanto esses jovens buscam a serenidade oferecida pelos parques, sua familiaridade com a conectividade digital frequentemente os atrai para o uso de internet pública ou não nesses ambientes (Sugahara & Takahashi, 2020). Estudos anteriores sugerem que a presença de conectividade digital pode tanto enriquecer quanto prejudicar a experiência, dependendo de como ela é utilizada e percebida (Xiong & Li, 2022). Abdelhamid (2019) alerta sobre o impacto potencial da digitalização em espaços urbanos, destacando a necessidade de equilibrar inovação tecnológica e preservação das qualidades naturais desses locais.

Em vista disso, este estudo explora a seguinte pergunta de pesquisa: De que formas a oferta de internet pública em parques urbanos afeta a percepção de tranquilidade e a função desses espaços como refúgios de desconexão para os centennials? O objetivo deste estudo é compreender o impacto da presença de internet pública em parques urbanos na percepção de serenidade e no uso desses espaços como ambientes de refúgio e desconexão pelos centennials, entendendo os possíveis paradoxos entre conectividade e descanso em ambientes naturais.

Ao explorar essa questão, este estudo oferece contribuições teóricas e empíricas relevantes. Do ponto de vista teórico, amplia a compreensão das interações entre tecnologia e espaços naturais, conectando debates sobre inclusão digital, bem-estar e planejamento urbano. Empiricamente, fornece insights valiosos para gestores de parques e formuladores de políticas públicas sobre como integrar a conectividade digital de forma sustentável, mantendo os parques como espaços de refúgio e contemplação em um mundo cada vez mais digital. Assim, a pesquisa não apenas ilumina um dilema contemporâneo, mas também propõe caminhos para um equilíbrio mais harmonioso.

Fundamentación Teórica

Parques Urbanos Como Espaços de Refúgio e Bem-Estar

Historicamente, os parques urbanos têm sido valorizados como refúgios de serenidade e tranquilidade, oferecendo um escape do ritmo frenético da vida urbana e promovendo descanso mental, bem-estar e interação social (Volenc et al., 2021; Arana & Xavier, 2017). Esses espaços foram projetados para aliviar os impactos da urbanização, como exemplifica o Central Park em Nova York, cuja conexão com a natureza melhora a saúde física e mental, reduzindo estresse e ansiedade, além de fomentar coesão social (Paydar et al., 2023).

Além disso, a teoria da restauração da atenção de Kaplan & Kaplan (1989) destaca que ambientes naturais auxiliam na recuperação da fadiga mental e no bem-estar emocional, tornando os parques urbanos cruciais para enfrentar o estresse contemporâneo. Além disso, diversos estudos corroboram que a presença de áreas verdes nas cidades reduz o estresse e a ansiedade, promove o exercício físico e melhora o humor dos frequentadores, além de contribuir para a coesão social, ao possibilitar encontros e atividades em comunidade (Talal & Santelmann, 2021).

Contudo, a digitalização e as novas demandas sociais têm introduzido elementos como a internet pública nesses espaços, desafiando suas funções tradicionais (Cheng et al., 2021; Chu et al., 2021). Embora adaptem-se às expectativas de uma sociedade tecnológica, essas mudanças podem redefinir os conceitos de serenidade e tranquilidade nos contextos urbanos. Tais transformações não são necessariamente negativas, mas indicam que novas interpretações desses conceitos podem emergir, integrando elementos tecnológicos sem comprometer a essência original dos parques (Batty et al., 2012; Dye et al., 2017).

Geração Centennial e a Cultura de Conectividade

A geração centennial, composta por jovens nascidos entre 1997 e 2012, possui uma relação intrínseca com a tecnologia, onde conectividade e identidade estão entrelaçadas. Para esses indivíduos, a internet pública em parques urbanos cria um paradoxo: enquanto a natureza convida à desconexão, a conectividade os mantém atrelados ao digital (Talal & Santelmann, 2021). Essa dualidade, por um lado, enriquece as experiências ao possibilitar o compartilhamento instantâneo e o acesso a informações, mas, por outro, dificulta a desconexão total, essencial à serenidade proporcionada pelos parques (Samus et al., 2022; Cheng et al., 2021).

A digitalização gradativa dos espaços públicos, como a oferta de Wi-Fi gratuito, torna-se uma prática comum, mas levanta questões sobre seus impactos na experiência de tranquilidade nesses locais (Kim et al., 2022; Long et al., 2023). Pesquisas sugerem que o acesso contínuo à internet pode reduzir o engajamento com o ambiente natural e interferir na sensação de desconexão, fundamental para o bem-estar (Wan et al., 2021; Volenc et al., 2021). Ainda assim, alguns usuários reconhecem benefícios, como obter informações ou compartilhar momentos, enquanto outros veem a conectividade como uma interferência na tranquilidade (Sastoque, 2005).

Assim, entender a interação entre conectividade e desconexão é crucial para que os parques urbanos continuem sendo refúgios. Planejadores e gestores enfrentam o desafio de equilibrar essas demandas, adaptando os parques às expectativas de uma geração digitalmente conectada sem comprometer sua função essencial de proporcionar serenidade (Van Vliet et al., 2021).

Conectividade em Espaços Públicos e o Conceito de Smart Cities

O conceito de smart cities integra tecnologias digitais aos espaços urbanos, promovendo eficiência, inclusão digital e sustentabilidade. A internet pública em parques urbanos insere-se nessa lógica ao facilitar acesso à informação e conectividade em tempo real, beneficiando visitantes que podem compartilhar experiências e buscar informações sem deixar o local (Batty et al., 2012; Kim et al., 2022). Apesar de suas vantagens, essa digitalização suscita questões sobre sua interferência na função original dos parques como refúgios de tranquilidade e desconexão (Parra-Saldívar et al., 2020; Geng et al., 2021).

Para alguns, a conectividade nos parques democratiza o acesso digital e enriquece a experiência, tornando-a mais interativa e acessível (Woo & Choi, 2022). Contudo, o uso excessivo de dispositivos digitais pode substituir a conexão com a natureza pela dependência tecnológica, reduzindo os benefícios psicológicos que esses espaços tradicionalmente oferecem (Wan et al., 2021; Talal & Santelmann, 2021). Essa ambivalência evidencia a necessidade de equilibrar os avanços tecnológicos com a preservação da experiência natural.

A aplicação do conceito de smart cities aos parques exige repensar como conectar digitalização e serenidade. O desafio é oferecer conectividade sem comprometer o bem-estar psicológico dos visitantes, especialmente para gerações como os centennials, cuja relação com a tecnologia é central e distinta das gerações anteriores (Van Vliet et al., 2021). Estratégias cuidadosas são necessárias para garantir que a convivência entre conectividade e natureza mantenha a essência dos parques urbanos enquanto adapta-se às demandas contemporâneas.

Impactos Psicológicos da Conectividade e a Busca por Serenidade

A conectividade constante impacta diretamente a tranquilidade e o bem-estar em ambientes naturais. O uso prolongado de dispositivos digitais está associado ao aumento do estresse e ansiedade, além de reduzir a capacidade de concentração (Tu et al., 2020). Em parques urbanos, criados para promover serenidade, a internet pública pode introduzir distrações digitais, alterando o potencial restaurador desses espaços (Van Dinter et al., 2022).

A desconexão é crucial para maximizar os benefícios psicológicos dos parques. Notificações e redes sociais frequentemente dividem a atenção dos visitantes entre a natureza e o mundo digital, comprometendo a imersão na natureza (Plunz et al., 2019). Para os centennials, cuja rotina é altamente digitalizada, equilibrar conectividade e bem-estar é particularmente desafiador.

Estudios demuestran que el contacto directo con la naturaleza, sin interrupciones digitales, restaura el equilibrio emocional y mejora la salud mental (Maniruzzaman et al., 2021). Sin embargo, la constante presencia de tecnología reduce la intensidad de esta experiencia, disminuyendo su impacto terapéutico y creando desafíos para su gestión (Zhang & Tan, 2019). Adaptar estos espacios para conciliar conectividad y serenidad es esencial para preservar su función como refugios urbanos.

Gestión de Parques Urbanos y el Equilibrio entre Conectividad y Serenidad

La gestión de parques urbanos enfrenta el desafío de integrar conectividad digital sin comprometer la serenidad de estos espacios. Con la creciente demanda por inclusión digital, especialmente entre los millennials, es necesario buscar soluciones que equilibren conectividad y bienestar (Batty et al., 2012). Una aproximación prometedora involucra zonas diferenciadas dentro de los parques: áreas con acceso a internet y áreas destinadas a desconexión digital, promoviendo elecciones conscientes de los visitantes (Wan et al., 2021; Da et al., 2023).

Ciudades que adoptaron esta estrategia reportaron mejoras en el bienestar de los usuarios y en la preservación de la tranquilidad de los espacios verdes. Además, campañas educativas que enfatizan los beneficios de la desconexión y la importancia de la naturaleza para la salud mental pueden incentivar un uso más consciente de la tecnología en estos lugares (Anderson & Jiang, 2019).

Así, el análisis de este estudio pretende proporcionar subsidios que ayuden a gestores y formuladores de políticas públicas en la búsqueda de soluciones equilibradas para los parques urbanos. La intención es que estos espacios atiendan a la demanda de los millennials por conectividad, pero sin perder su esencia como lugares de serenidad y bienestar. A continuación, se presentan los procedimientos metodológicos que fundamentan la investigación.

Procedimientos Metodológicos

Delineamiento de Investigación

El presente estudio adopta un tipo de investigación de aproximación cualitativa y exploratoria, como abordado por Fontelles et al. (2009), realizado con 82 participantes, siendo que 34 fueron provenientes del estado de São Paulo y 48 de Maranhão, pero se resalta que solo 57 cumplieron el criterio etáreo. La investigación cualitativa es aquella en la que se hace referencia a una amplia gama de perspectivas, modalidades, abordajes, diseños y técnicas utilizadas en el planeamiento, conducción y evaluación de estudios, indagaciones o investigaciones interesadas en describir, interpretar, comprender, entender o superar situaciones sociales o educativas consideradas problemáticas por los actores sociales que son sus protagonistas o que, por alguna razón, ellos tienen interés en abordar tales situaciones en un sentido investigativo (González, 2020). La investigación exploratoria se caracteriza por requerir del investigador una investigación de campo, así, esta investigación busca descubrir información inicial de una realidad, buscando entender las razones y motivaciones para determinadas actitudes y comportamientos de las personas (Munaretto, et al, 2013). Para alcanzar al público-objetivo de la investigación y determinar la muestra, se recurrió a la técnica de selección.

A técnica de coleta de dados foi estipulada através de entrevista estruturada a partir da utilização de um roteiro de mesma caracterização (Batista et al., 2017) onde estão presentes o informativo e consentimento da pesquisa, informações relacionadas sobre o perfil dos entrevistados e perguntas abertas condizentes com o tema trabalhado. As entrevistas foram realizadas entre 21 de outubro de 2024 e 02 de novembro de 2024, a aplicação dessas, deu-se de duas maneiras, a saber: de forma presencial, em um primeiro momento com pessoas vinculadas à Universidade de São Paulo, e a distância através da plataforma Google, com pessoas vinculadas à Universidade Federal do Maranhão.

As entrevistas foram coletivas e escritas em ambos casos, com o auxílio direto do entrevistador para garantir a compreensão e o detalhamento das respostas. A análise revelou uma média de 20 palavras por resposta nas entrevistas realizadas de forma digital e 30 palavras nas entrevistas presenciais. A resposta mais extensa registrada continha 87 palavras, destacando a variabilidade no nível de engajamento dos participantes.

Posteriormente, para a análise qualitativa dos dados, foi utilizado o software DELVE, uma ferramenta que facilita a codificação, categorização e interpretação de respostas textuais. Após a transcrição das respostas dos participantes, os dados foram organizados e inseridos no software, que permite uma interface intuitiva para a identificação de padrões e temas emergentes. O processo seguiu os princípios da análise temática, conforme descrito por Braun & Clarke (2006), começando com a leitura exploratória dos dados para identificar categorias iniciais, como “serenidade”, “conectividade” e “interação social”. A partir disso, foram aplicados códigos às unidades textuais relevantes, permitindo que tendências e relações entre os temas fossem visualizadas de maneira sistemática.

Além disso, seguindo orientações recentes de Efe (2024), o uso de ferramentas digitais como DELVE permitiu uma triangulação mais eficaz entre dados categorizados e interpretações teóricas. O software foi utilizado para agrupar respostas por similaridade, o que possibilitou identificar nuances entre participantes com percepções divergentes ou convergentes. Por exemplo, foi possível diferenciar entre aqueles que consideravam a internet pública uma ferramenta de inclusão e aqueles que viam nela um fator de distração.

Caracterização do Corpus de Pesquisa

Este estudo contou com a participação de indivíduos predominantemente jovens, com idades variando entre 18 e 27 anos, o que reflete a característica da geração centennial. A distribuição por gênero demonstrou maior representatividade feminina, com 44 participantes identificando-se como mulheres, enquanto 12 se declararam homens e 1 como outro. No que diz respeito à origem e à residência, a grande maioria reportou viver em áreas urbanas, com apenas um participante indicando uma cidade rural, o que ressalta o contexto predominantemente urbano deste corpus. A diversidade das áreas de formação acadêmica reflete múltiplos interesses, com maior presença de estudantes de Turismo e Hotelaria, seguidos por outras áreas como Biotecnologia, Relações Públicas e Administração. Quanto à frequência de visitas a parques urbanos, observou-se que 28 participantes frequentam menos que mensalmente, enquanto 19 relataram visitas mensais e apenas 1 indicou frequência diária. Em seguimento à compreensão desses elementos, tem-se a representação da caracterização do corpus de pesquisa (Quadro 1).

Quadro 1. Caracterização do corpus de pesquisa

Idade		Gênero	
25-27	13	Mulher	44
22-24	12	Homem	12
18-21	32	Outro	1
Cidade de Origem		Cidade de residência	
Urbano	56	Urbano	56
Rural	1	Rural	1
Área de Formação		Frequência de visitas a Parques Urbanos	
Ciências Humanas e Sociais	12	Diariamente	1
Turismo e Hospitalidade	30	Semanalmente	8
Ciências da Saúde	2	Mensalmente	19
Ciências Exatas e Tecnológicas	9	Menos que mensalmente	28
Sem formação superior	4	Nunca	1

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Ressalte-se que todas as informações como as da cidade de origem e residência foram fornecidas pelos próprios participantes, podendo conter vieses de autopercepção ou interpretação. Esses dados, embora relevantes para o contexto do estudo, devem ser analisados com cautela. Porém, esses resultados fornecem uma visão inicial sobre o perfil dos participantes e seus hábitos, que serão explorados em maior profundidade no tópico subsequente.

Resultados e Discussão

Esta seção apresenta os resultados da pesquisa, organizados em temas que emergiram a partir da análise temática indutiva dos dados. Cada tema foi identificado e nomeado de acordo com as percepções relatadas pelos centennials sobre a presença da internet pública em parques urbanos e o impacto dessa conectividade em suas experiências de tranquilidade e desconexão.

Sentimentos despertados pela visita

Os parques urbanos emergem como espaços fundamentais para o bem-estar físico e mental, proporcionando momentos de tranquilidade e conexão com a natureza, especialmente em áreas densamente urbanizadas. Dessa forma, os dados obtidos neste estudo reforçaram essas percepções. Por exemplo, o Entrevistado 38 destacou que os parques oferecem “sensação de relaxamento, lazer e contemplação”, atuando como espaços de bem-estar e pausa na vida cotidiana. De forma semelhante, o Entrevistado 23 afirmou que esses ambientes promovem “descanso, principalmente, mental”, enquanto o Entrevistado 16 enfatizou que os parques são “pequenas amostras de natureza em meio à paisagem de concreto”. Tais descrições convergem com achados da literatura, como os estudos de Kaplan & Kaplan (1989), que identificam a promoção do bem-estar físico e mental como um benefício central dos ambientes naturais.

A experiência de paz interior e alívio do estresse urbano foi frequentemente mencionada. O Entrevistado 2 salientou “sensação de paz interior e conexão comigo mesmo através da natureza”, paralelamente, o Entrevistado 73 descreveu os parques como “um local de respiro em meio à rotina caótica”. Essas observações estabelecem um diálogo com o que Da et al. (2023) inferem, pois destacam a contribuição das áreas verdes urbanas para a saúde mental e a coesão social, bem como para a contribuição no que diz respeito à percepção de distress. Na mesma linha de pensamento, o Entrevistado 5 ressaltou o potencial introspectivo dos parques, descrevendo-os como “um espaço em que posso ter um momento só para mim e meus pensamentos”, esta perspectiva entra em alinhamento com as análises de Mohammadi e Ujang (2022), quando sustentam a ideia de que os benefícios dos espaços verdes para a reflexão e o relaxamento revelam-se como algo não só recorrente, mas também evidente.

Os parques também evocam um forte componente nostálgico e de pertencimento, a exemplo disso, o Entrevistado 72 mencionou que esses locais são “muito nostálgicos”, trazendo memórias da infância, enquanto o Entrevistado 67 fez a afirmação de que os parques remetem a “uma sensação de paz e relaxamento”, associada à infância. No que se refere a esse aspecto, percebe-se que para além do relaxamento, o contato com esses espaços está associado à dimensão emocional, ressignificando a compreensão dos espaços verdes (Chu et al., 2021; Talal & Santelmann, 2021).

Em contrapartida, desconfortos provenientes da superlotação, bem como a segurança, foram levantados também. O Entrevistado 57 apontou que, “apesar de encontrar lazer nos parques, a lotação durante os fins de semana é um fator irritante”. Já o Entrevistado 20 relatou uma “sensação de vulnerabilidade devido à falta de segurança pública”. Dessa forma, nota-se que a percepção de segurança em espaços públicos é um fator crucial que influencia a experiência e o comportamento dos usuários nesses locais (Cruz-Zúñiga et al., 2023).

Essas respostas sugerem que os parques urbanos desempenham um papel multifacetado, funcionando como espaços de serenidade, contemplação e interação social, além de servirem como refúgios da vida urbana e lugares de conexão com a natureza. A presença desses ambientes favorece a saúde mental e o bem-estar dos indivíduos, oferecendo uma pausa da agitação cotidiana. Os próximos tópicos examinarão em detalhes as dinâmicas de socialização que ocorrem nesses espaços e o impacto da conectividade digital, que altera a experiência tradicional de desconexão e tranquilidade. Essa análise ampliará o debate sobre a função e a relevância dos parques urbanos no contexto contemporâneo, explorando como eles podem equilibrar o desejo de se desconectar e a necessidade de conectividade, refletindo as demandas de uma sociedade cada vez mais digitalizada e consciente da importância de ambientes restauradores.

A companhia e a conectividade como elementos do processo de interação social

O acompanhamento durante as visitas a parques urbanos revelou-se como um elemento chave, refletindo um equilíbrio entre momentos de introspecção e interações sociais. A análise das respostas dos respondentes revelou que a maioria opta por frequentar os parques acompanhados, seja por familiares, amigos ou parceiros. O participante 76 destacou que está “sempre acompanhada de

amigos ou da família”, enquanto o participante 59 afirmou que “costumo ir com familiares e amigos”. No entanto, há também aqueles que apreciam a solidade, como o participante 74, que indicou “costumo ir sozinha para praticar atividades físicas e meditar, mas também faço encontros com grupos de amigos com frequência”. Dessa forma, percebe-se que a interação social está implícita nesses relatos, e a presença de internet pública nos parques, embora tenha sido explorada mais detalhadamente em outras seções, possui implicações diretas para as dinâmicas desta interação nesses espaços. Por um lado, ela pode atuar como uma ferramenta que facilita a conexão entre grupos, permitindo a organização de encontros e atividades coletivas. Por outro, pode gerar uma desconexão interpessoal, como destacado por Rapuano *et al.* (2022) que trazem reflexões válidas quando trabalham com a ideia de que a socialização em espaços públicos é um fator central na vivência dos parques, entretanto, com o advento da tecnologia, Hampton & Gupta (2008) sugerem que a conectividade digital pode transformar a natureza dessas interações.

Um ponto a ser debatido é a tensão entre a conectividade digital e a interação face a face, um exemplo disto pode ser percebido quando o respondente 6 mencionou que “gosto de aproveitar minha própria companhia ou estar com amigos próximos se divertindo”, aqui há uma reflexão subentendida sobre como a internet pode, simultaneamente, conectar e isolar. Nesse sentido, é essencial considerar os impactos da tecnologia sobre os padrões de sociabilidade. A exemplo disto, Plunz *et al.* (2019) fazem apontamentos de como a presença dispositivos móveis em espaços sociais interferem na qualidade das interações, algo que deve ser considerado neste contexto.

Ademais, compreende-se que a conectividade pode contribuir para aumentar a frequência de visitas em grupo, uma vez que facilita a comunicação e o planejamento entre os indivíduos. No entanto, essa conectividade pode se tornar um obstáculo à experiência coletiva quando utilizada de forma excessiva, resultando na perda do foco nas interações presenciais. A discussão sobre como a conectividade afeta as interações sociais em parques ainda é incipiente, mas crescente. O espaço para a integração de mais estudos, como o de Zhang & Tan (2019) sobre os benefícios da socialização para a saúde mental, é fundamental para expandir essa análise. À vista disso, este trabalho oferece uma base empírica que servirá de suporte para intervenções e estratégias de gestão orientadas a um uso equilibrado da tecnologia em parques urbanos.

Inferências sobre a presença e utilização da internet

A presença da internet em parques urbanos é um tema de crescente relevância, especialmente em relação ao comportamento da geração centennial nesses espaços. A análise das respostas dos participantes revelou que a grande maioria utiliza seus próprios dados móveis durante as visitas, enquanto a internet pública foi raramente mencionada como opção principal. O Entrevistado 37 afirmou “prefiro usar meus próprios dados móveis. Uso geralmente para postar fotos/vídeos nas redes sociais ou falar com alguém via WhatsApp”, outrossim, o Entrevistado 76 salientou que “dados móveis, sobretudo porque esses espaços geralmente não possuem internet pública ou a qualidade é ruim”. Notou-se também, que a principal finalidade do uso da internet nos parques está relacionada à comunicação e ao compartilhamento de experiências nas redes sociais, corroborando com este aspecto, o Entrevistado 41 relatou que “uso dados móveis para registrar o momento e poder compartilhar com terceiros”, destacando o papel da tecnologia na amplificação das vivências nesses

espaços. Além disso, outros participantes utilizam a internet para fins mais utilitários, como “verificar rotas de transporte público, alugar bicicletas ou buscar locais para comer”, conforme descrito pelo Entrevistado 13. Esse padrão de comportamento traz implicações significativas para a experiência em parques urbanos, pois a conectividade digital, embora facilite a comunicação e o acesso à informação, pode interferir no potencial dos parques como espaços de desconexão e contemplação. Estudos como os de Anderson & Jiang (2019) apontam que o uso constante de dispositivos móveis pode comprometer a capacidade de os indivíduos se engajarem plenamente com o ambiente natural ao seu redor.

Paralelamente, a falta de uma infraestrutura de internet pública eficiente também levanta questões sobre a inclusão digital e o acesso equitativo a recursos tecnológicos. O Entrevistado 2 mencionou que “costumo utilizar a internet pública, isto é, quando uso”, sugerindo que a oferta de conectividade gratuita poderia ser mais explorada pelos gestores de parques. Essa ideia encontra respaldo em pesquisas que discutem o potencial da internet pública para democratizar o acesso à informação e aos serviços digitais em espaços públicos (Stępniewska, 2021).

A presença de internet pública em parques urbanos apresenta uma dualidade em termos de sua implicação na experiência dos visitantes. Assim sendo, há relatos de respondentes que indicaram que a conectividade pode ser benéfica, oferecendo praticidade e segurança em emergências, como por exemplo, o Entrevistado 57, quando destacou que “a conectividade contribui, pois não gera o desespero de ficar incomunicável em alguma situação de perigo”, e similarmente o Entrevistado 13 afirmou que a internet pública pode ser útil para “manter a comunicação pessoal, especialmente para aqueles sem plano de dados móveis”. Em contrapartida, muitos participantes apontaram que a conectividade pode interferir na sensação de serenidade proporcionada pelos parques, desviando o foco da experiência natural. A título de exemplo, O Entrevistado 38 observou que “a conectividade interfere na sensação de bem-estar e desconexão”, e o Entrevistado 27 admitiu que “interfere bastante, já que deixo de apreciar o momento para ficar presa no celular”. Essa percepção é corroborada por estudos que discutem como o uso constante da tecnologia pode impactar negativamente a atenção plena e a interação com ambientes naturais ou espaços sociais (Van Dinter et al., 2022).

No entanto, a percepção da implicação da presença da internet varia entre os participantes. O participante 76 considerou que “a internet pública não afetaria a sensação de serenidade, uma vez que a maior parte das pessoas já estariam conectadas com ou sem a opção pública. Muito pelo contrário, pode ser uma oportunidade de atrair mais pessoas, que podem se sentir mais confortáveis nesse ambiente com a segurança de uma forma de acesso à internet”.

-Esse aspecto reflete o debate acadêmico sobre a necessidade de equilibrar os benefícios da conectividade com os riscos de sua excessiva dependência, conforme sugerido por Van Vliet et al. (2021). Ainda assim, a distração gerada pelo uso da internet foi mencionada repetidamente, tendo como exemplo, o Entrevistado 80 relatou que “voltei minha atenção mais para produzir conteúdo sobre a minha experiência do que na experiência em si”, evidenciando o impacto que as redes sociais podem ter na vivência de espaços projetados para o relaxamento. Assim, vale ressaltar que a busca por validação online pode diminuir a qualidade da experiência presencial.

Essas nuances revelam que a internet em parques urbanos pode tanto ampliar quanto limitar a experiência dos visitantes. A análise de sua implicância durante a visita abre caminho para reflexões mais amplas sobre o papel da conectividade na contemporaneidade, especialmente em espaços destinados à desconexão. Nos próximos subtópicos, explorar-se-á as percepções dos participantes sobre a disponibilidade de internet pública e as possibilidades de um equilíbrio entre tecnologia e serenidade nesses ambientes.

Disponibilidade de internet pública

A discussão sobre a disponibilização de internet pública em parques urbanos refletiu uma diversidade de opiniões entre os participantes, revelando tanto os potenciais benefícios quanto as possíveis consequências negativas. A conectividade, para alguns, foi vista como um facilitador importante, especialmente em situações de emergência. O Entrevistado 57 argumentou que a internet pública contribui para “uma sensação de segurança, permitindo comunicação rápida em situações de perigo”. Este ponto também foi reforçado pelo Entrevistado 65, que destacou o valor da conectividade para acessos emergenciais e resolução de questões práticas, como o uso de aplicativos de transporte ou mapas.

Contudo, as preocupações com o impacto dessa conectividade na experiência de lazer e contemplação foram igualmente expressivas. Dessa forma, muitos participantes mencionaram que a internet pública pode comprometer a principal proposta dos parques, isto é, a desconexão do cotidiano agitado. Tomando por exemplo, o Entrevistado 22 observou que “a conectividade pode prender as pessoas às telas, interferindo na interação com a natureza e o ambiente”. De igual modo, o Entrevistado 11 sugeriu que o ideal seria não disponibilizar a internet nesses espaços, ressaltando que a tecnologia pode atrapalhar a interação social e o foco no ambiente.

Por outro lado, houve respondentes que defenderam a conexão pública como uma forma de inclusão digital e democratização do acesso, especialmente para aqueles que não possuem planos de dados móveis. O Entrevistado 13 ressaltou que “a internet pública incentiva maior frequência aos parques, atraindo um público mais diversificado, incluindo turistas e populações de baixa renda”. Esta perspectiva é crucial em um contexto onde o acesso à internet é cada vez mais essencial para a participação plena na sociedade contemporânea, conforme apontado por estudos de inclusão digital (Woo & Choi, 2022).

A partir dessas opiniões, surge a sugestão de implementar formas moderadas de acesso à internet, como zonas específicas ou restrições de tempo, conforme proposto pelos entrevistados 18 e 80. Essas medidas poderiam equilibrar os benefícios da conectividade com a preservação da experiência de tranquilidade, promovendo um uso mais consciente da tecnologia, pois a implementação de internet pública em parques, portanto, deve ser acompanhada de políticas que incentivem o uso responsável, garantindo que a conectividade enriqueça, em vez de comprometer, a experiência. Este debate ecoa em estudos acadêmicos sobre o impacto da tecnologia em espaços públicos, que frequentemente destacam a necessidade de repensar o design desses ambientes para equilibrar inovação e preservação do contato humano e ambiental (Hampton & Gupta, 2008).

Possibilidade de equilíbrio

A possibilidade de manter um equilíbrio entre a conectividade proporcionada pela internet pública e a serenidade buscada nos parques urbanos foi amplamente discutida pelos entrevistados. A maioria acredita que esse equilíbrio pode ser alcançado através de abordagens educativas e estruturais. A exemplo disto, o Entrevistado 80 sugeriu que “a limitação da internet a espaços específicos do parque” pode ajudar a manter áreas de tranquilidade. Essa visão foi compartilhada pelo Entrevistado 25, que defendeu a “instalação de quiosques ou áreas de convivência específicas para o uso da internet”, garantindo que espaços permaneçam sem interferências tecnológicas.

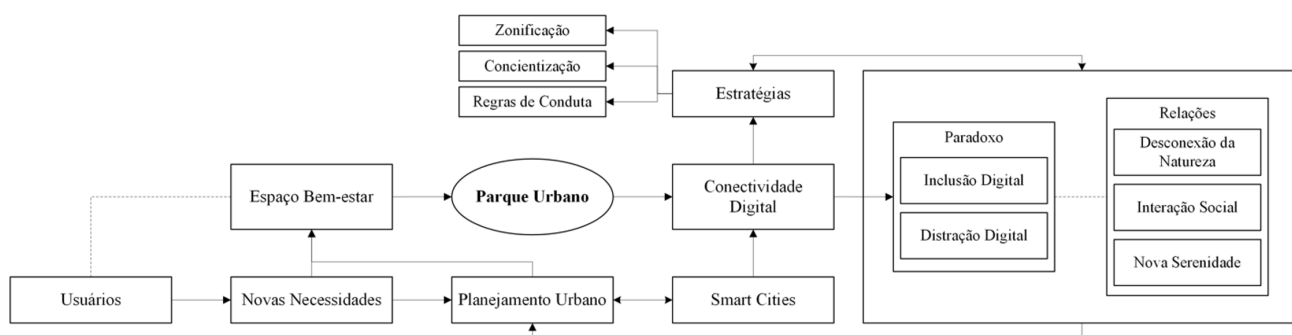
Outro aspecto relevante levantado pela amostra foi a importância da conscientização pública. Com isso, o Entrevistado 38 propôs que o público seja sensibilizado “sobre os benefícios de uma conexão mais profunda com a natureza”, enquanto o Entrevistado 54 ressaltou a necessidade de “educar os visitantes sobre a importância de se desconectar temporariamente”. Essa abordagem educativa reflete a visão de que o uso consciente da tecnologia é fundamental para preservar a experiência de tranquilidade nos parques, pois permite equilibrar os benefícios da conectividade com a necessidade de desconexão que esses espaços oferecem. Dessa forma, políticas de gestão que promovam práticas como zonas livres de tecnologia ou estímulo ao uso moderado de dispositivos são fundamentais para evitar distrações e garantir que os visitantes possam desfrutar plenamente da experiência restauradora dos parques (Anderson & Jiang, 2019).

Adicionalmente, a implementação de políticas e regulamentações foi vista como uma estratégia viável, a respeito disso, os Entrevistados 6 e 55 sugeriram a adoção de regras claras. O Entrevistado 6 afirmou que “a regulamentação do uso da internet pública pode evitar o impacto na serenidade, como proibir sons altos ou atividades que gerem poluição sonora,” enquanto o 55 mencionou que “o uso da internet pode ser equilibrado desde que haja fiscalização e que os usuários respeitem as regras de convivência”. Essas medidas não apenas garantiriam um ambiente mais tranquilo, mas também promoveriam um uso mais responsável da internet, evitando impactos negativos na experiência de outros visitantes.

Um ponto importante no debate é a democratização do acesso à internet, especialmente em contextos que envolvem turistas com menos recursos ou locais que não possuem conexão móvel. O Entrevistado 72 destacou que “a disponibilidade de internet pública nos parques pode democratizar o acesso à informação e permitir que aqueles que não possuem plano de dados também desfrutem de experiências enriquecedoras”. De modo semelhante, o Entrevistado 57 sugeriu que a conectividade “pode promover inclusão social e proporcionar segurança, principalmente para públicos mais vulneráveis”. No entanto, essa democratização levanta a questão de como equilibrar a inclusão digital sem comprometer a tranquilidade desejada nesses espaços. Embora o acesso à internet seja um facilitador importante, ele também pode perpetuar dinâmicas de exclusão caso não seja bem administrado. Por outro lado, sem essas facilidades, há o risco de alienar certos grupos da sociedade, como turistas estrangeiros ou populações marginalizadas, que podem encontrar nos parques uma forma de se conectar ao mundo digital. Assim, é essencial explorar estratégias que atendam à necessidade de conectividade, mas que mantenham o propósito inicial desses espaços como locais de lazer e desconexão.

A análise dos resultados revelou uma complexa interação entre as funções históricas dos parques urbanos como espaços de serenidade e as novas exigências da conectividade digital. Essa dinâmica evidencia um paradoxo em que a inclusão proporcionada pela internet pública pode, simultaneamente, promover e comprometer a experiência de serenidade nesses espaços. A seguir, o quadro 2 ilustra como as estratégias de planejamento urbano podem equilibrar essas demandas.

Quadro 2. A Conexão entre Conectividade Digital e Serenidade nos Parques Urbanos



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

O Quadro 2 reforça a necessidade de integrar tecnologia e preservação ambiental, propondo soluções que promovem inclusão digital sem comprometer as funções restauradoras dos parques.

Conclusões

Este estudo buscou compreender o impacto da presença de internet pública em parques urbanos na percepção de serenidade e no uso desses espaços como ambientes de refúgio e desconexão pelos centennials, entendendo os possíveis paradoxos entre conectividade e descanso em ambientes naturais. Os resultados destacaram que, embora os parques urbanos continuem sendo espaços de refúgio e bem-estar, a introdução da conectividade digital traz novas realidades.

Entre os principais achados, verificou-se que os centennials vivenciam um paradoxo em relação à conectividade: enquanto a internet proporciona maior interação social, acesso a informações práticas e inclusão digital para grupos com menos recursos, também compromete a capacidade de desconexão e contemplação plena. As respostas dos entrevistados evidenciaram que o uso excessivo da internet pode desviar o foco do ambiente natural, interferindo na sensação de tranquilidade e na interação interpessoal. Contudo, muitos participantes apontaram que a ausência de internet pública também é problemática, especialmente para turistas ou frequentadores que dependem de conectividade para emergências ou questões logísticas.

Outro ponto relevante foi a percepção de que a democratização do acesso à internet pública pode tornar os parques mais inclusivos, mas que isso deve ser acompanhado de estratégias que minimizem o impacto negativo da hiperconexão. Por exemplo, participantes sugeriram iniciativas

como a delimitação de zonas específicas para uso de internet, o incentivo a atividades culturais e educativas, e a implementação de campanhas que promovam o uso consciente da tecnologia nesses espaços. Tais medidas foram vistas como formas viáveis de preservar a essência dos parques como locais de descanso e interação social.

Com base nas percepções coletadas, propõe-se um conjunto de sugestões para gestores de parques urbanos e formuladores de políticas públicas. Essas incluem a criação de zonas específicas para o uso de internet, campanhas de conscientização sobre os benefícios da desconexão e a regulamentação do uso de dispositivos digitais nos parques. Além disso, destaca-se a importância de implementar estratégias que conciliem a inclusão digital com a preservação da serenidade, garantindo que os visitantes possam usufruir da experiência restauradora desses ambientes.

Este estudo enfrentou limitações, como o foco em uma faixa etária específica e o uso de uma amostra limitada a dois contextos, o que restringe a generalização dos resultados. Recomenda-se a ampliação das investigações para outros grupos demográficos e diferentes regiões geográficas, explorando a relação entre conectividade e tranquilidade em contextos diversos. Além disso, futuras pesquisas poderiam investigar o impacto de políticas específicas, como a criação de áreas de silêncio digital, na experiência de bem-estar em parques urbanos.

Conclui-se que a gestão de parques urbanos no contexto das cidades inteligentes deve considerar tanto a necessidade de conectividade quanto a preservação das funções restauradoras desses espaços. A integração equilibrada de tecnologia e natureza pode não apenas atender às demandas de um público digitalmente conectado, mas também promover uma experiência enriquecedora e inclusiva para todos os visitantes.

Referências

- Abdelhamid, M. M. (2019). Revitalization of historical urban parks using a smart approach. *Journal of Engineering Research*, 164, 20–35. <https://doi.org/10.21608/ERJ.2019.123878>
- Anderson, M., & Jiang, J. (2018). *Teens, social media & technology 2018*. Pew Research Center. <https://www.pewresearch.org/internet/2018/05/31/teens-social-media-technology-2018/>
- Arana, A. R. A., & Xavier, F. B. (2017). Qualidade ambiental e promoção de saúde: O que determina a realização de atividades físicas em parques urbanos? *Geosul*, 32(63), 179–198. <https://doi.org/10.5007/2177-5230.2017v32n63p179>
- Batista, E. C., de Matos, L. A. L., & Nascimento, A. B. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(3), 23–38. <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/17910>
- Batty, M., Axhausen, K. W., Giannotti, F., Pozdnoukhov, A., Bazzani, A., Wachowicz, M., Ouzounis, G., & Portugali, Y. (2012). Smart cities of the future. *The European Physical Journal Special Topics*, 214(1), 481–518. <https://doi.org/10.1140/epjst/e2012-01703-3>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Cheng, Y., Zhang, J., Wei, W., & Zhao, B. (2021). Effects of urban parks on residents' expressed happiness before and during the COVID-19 pandemic. *Landscape and Urban Planning*, 212, 104118. <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2021.104118>
- Chu, Y.-T., Li, D., & Chang, P.-J. (2021). Effects of urban park quality, environmental perception, and leisure activity on well-being among the older population. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(21), 11402. <https://doi.org/10.3390/ijerph182111402>
- Cruz-Zúñiga, N., Centeno Mora, E., & Barrantes Chaves, K. (2023). Citizen perception of security and visitation of public spaces: An exploratory study on regional public parks in Costa Rica. *Revista Geográfica de América Central*, 71, 161–192. <https://doi.org/10.15359/rgac.71-2.6>
- Da, T., Li, Y., & Kondolf, G. M. (2023). Research on social connectivity of urban waterfront park based on place attachment. *Journal of Nanjing Forestry University (Natural Sciences Edition)*, 47(6), 227–235. <https://doi.org/10.12302/j.issn.1000-2006.202212019>
- Dye, M., Nemer, D., Pina, L. R., Sambasivan, N., Bruckman, A. S., & Kumar, N. (2017). Locating the Internet in the Parks of Havana. *Proceedings of the 2017 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, 3867–3878. <https://doi.org/10.1145/3025453.302572>
- Efe, A. (2024). *Um guia completo para a análise temática*. Forms.app. <https://forms.app/pt/blog/analise-tematica>

- Fontelles, M. J., Simões, M. G., Farias, S. H., & Fontelles, R. G. S. (2009). Metodologia da pesquisa científica: Diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa / Scientific research methodology: Guidelines for elaboration of a research protocol. *LILACS-Express*. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-588477>
- Geng, D., Innes, J., Wu, W., & Wang, G. (2021). Impacts of COVID-19 pandemic on urban park visitation: A global analysis. *Journal of Forestry Research*, 32(2), 553-567. <https://doi.org/10.1007/s11676-020-01249-w>
- González, F. E. (2020). Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 8(17), 155-183. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.17.322>
- Hampton, K. N., & Gupta, N. (2008). Community and social interaction in the wireless city: Wi-Fi use in public and semi-public spaces. *New Media & Society*, 10(6), 831-850. <https://doi.org/10.1177/1461444808096247>
- Kaplan, R., & Kaplan, S. (1989). *The experience of nature: A psychological perspective*. Cambridge University Press. <https://psycnet.apa.org/record/1989-98477-000>
- Kim, K., Lee, C. K., & Kim, H. W. (2022). Understanding the accessibility of urban parks and connectivity of green spaces in single-person household distribution: Case study of Incheon, South Korea. *Land*, 11(9), 1441. <https://doi.org/10.3390/land11091441>
- Long, Y., Qin, J., Wu, Y., & Wang, K. (2023). Analysis of urban park accessibility based on space syntax: Take the urban area of Changsha City as an example. *Land*, 12(5), 1061. <https://doi.org/10.3390/land12051061>
- Maniruzzaman, K. M., Alqahtany, A., Abou-Korin, A., & Al-Shihri, F. S. (2021). An analysis of residents' satisfaction with attributes of urban parks in Dammam city, Saudi Arabia. *Ain Shams Engineering Journal*, 12(3), 3365-3374. <https://doi.org/10.1016/j.asej.2020.11.020>
- Menconi, M. E., Tasso, S., Santinelli, M., & Grohmann, D. (2020). A card game to renew urban parks: Face-to-face and online approach for the inclusive involvement of local community. *Evaluation and Program Planning*, 79, 101741. <https://doi.org/10.1016/j.evalprogplan.2019.101741>
- Mohammadi, F., & Ujang, N. (2022). Engaging in social interaction: Relationships between the accessibility of path structure and intensity of passive social interaction in urban parks. *Archnet-IJAR: International Journal of Architectural Research*, 16(1), 112-133. <https://doi.org/10.1108/ARCH-04-2021-0100>
- Moreno, M. (2019). Teoría de sistemas sociales e historia: Un acercamiento interdisciplinario para la investigación científica. *Relaciones. Estudios de Historia y Sociedad*, 40(159), 171-192. <https://doi.org/10.24901/rehs.v40i159.425>
- Munaretto, L. F., Corrêa, H. L., & Carneiro da Cunha, J. A. (2013). Um estudo sobre as características do método Delphi e de grupo focal, como técnicas na obtenção de dados em pesquisas exploratórias. *Revista de Administração Da UFSM*, 6(1), 9-24. <https://doi.org/10.5902/198346596243>

- Parra-Saldivar, A., Abades, S., Celis-Diez, J. L., & Gelcich, S. (2020). Exploring perceived well-being from urban parks: Insights from a megacity in Latin America. *Sustainability*, 12(18), 7586. <https://doi.org/10.3390/su12187586>
- Paydar, M., Kamani Fard, A., & Gárate Navarrete, V. (2023). Design characteristics, visual qualities, and walking behavior in an urban park setting. *Land*, 12(10), 1838. <https://doi.org/10.3390/land12101838>
- Plunz, R. A., Zhou, Y., Carrasco Vintimilla, M. I., McKeown, K., Yu, T., Ugucioni, L., & Sutto, M. P. (2019). Twitter sentiment in New York City parks as measure of well-being. *Landscape and Urban Planning*, 189, 235–246. <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2019.04.024>
- Rapuano, M., Ruotolo, F., Ruggiero, G., Masullo, M., Maffei, L., Galderisi, A., Palmieri, A., & Iachini, T. (2022). Spaces for relaxing, spaces for recharging: How parks affect people's emotions. *Journal of Environmental Psychology*, 81, 101809. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2022.101809>
- Samus, A., Freeman, C., Van Heezik, Y., Krumme, K., & Dickinson, K. J. M. (2022). How do urban green spaces increase well-being? The role of perceived wildness and nature connectedness. *Journal of Environmental Psychology*, 82, 101850. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2022.101850>
- Sastoque, M. J. M. (2005). Contradicción, complementariedad e hibridación en las relaciones entre lo rural y lo urbano. *Revista Mad. Revista del Magister en Análisis Sistemático Aplicado a la Sociedad*, (13), 1–25. <https://doi.org/10.5354/rmad.v0i13.14675>
- Schnell, I., Harel, N., & Mishori, D. (2019). The benefits of discrete visits in urban parks. *Urban Forestry and Urban Greening*, 41, 179–184. <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2019.03.019>
- Stępniewska, M. (2021). The capacity of urban parks for providing regulating and cultural ecosystem services versus their social perception. *Land Use Policy*, 111, 105778. <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2021.105778>
- Sugahara, N., & Takahashi, M. (2020). Exploring urban park use intention for a sustainable society from the posts on the social network. *IEEE Transactions on Electronics, Information and Systems*, 140(10), 1165–1170. <https://doi.org/10.1541/ieejieiss.140.1165>
- Talal, M. L., & Santelmann, M. V. (2021). Visitor access, use, and desired improvements in urban parks. *Urban Forestry and Urban Greening*, 63, 127216. <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2021.127216>
- Tu, X., Huang, G., Wu, J., & Guo, X. (2020). How do travel distance and park size influence urban park visits? *Urban Forestry and Urban Greening*, 52, 126689. <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2020.126689>
- Van Dinter, M., Kools, M., Dane, G., Weijs-Perrée, M., Chamilothori, K., Van Leeuwen, E., Borgers, A., & Van den Berg, P. (2022). Urban green parks for long-term subjective well-being: Empirical relationships between personal characteristics, park characteristics, park use, sense of place, and satisfaction with life in The Netherlands. *Sustainability*, 14(9), 4911. <https://doi.org/10.3390/su14094911>

- Van Vliet, E., Dane, G., Weijs-Perrée, M., Van Leeuwen, E., Van Dinter, M., Van den Berg, P., Borgers, A., & Chamilothon, K. (2021). The influence of urban park attributes on user preferences: Evaluation of virtual parks in an online stated-choice experiment. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(1), 212. <https://doi.org/10.3390/ijerph18010212>
- Volenec, Z. M., Abraham, J. O., Becker, A. D., & Dobson, A. P. (2021). Public parks and the pandemic: How park usage has been affected by COVID-19 policies. *PLoS ONE*, 16(5), e0251799. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0251799>
- Wan, C., Shen, G. Q., & Choi, S. (2021). Eliciting users' preferences and values in urban parks: Evidence from analysing social media data from Hong Kong. *Urban Forestry and Urban Greening*, 62, 127172. <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2021.127172>
- Wei, D., Wang, Y., Liu, M., & Lu, Y. (2024). User-generated content may increase urban park use: Evidence from multisource social media data. *Environment and Planning B: Urban Analytics and City Science*, 51(4), 971-986. <https://doi.org/10.1177/23998083231210412>
- Woo, J. H., & Choi, H. (2022). A trade-off method through connectivity analysis applied for sustainable design and planning of large urban parks. *International Journal of Sustainable Development and World Ecology*, 29(2), 139-152. <https://doi.org/10.1080/13504509.2021.1931982>
- Xiong, Y., & Li, S. (2022). Can the establishment of university science and technology parks promote urban innovation? Evidence from China. *Sustainability*, 14(17), 10707. <https://doi.org/10.3390/su141710707>
- Zhang, J., & Tan, P. Y. (2019). Demand for parks and perceived accessibility as key determinants of urban park use behavior. *Urban Forestry and Urban Greening*, 44, 126420. <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2019.126420>